

A problemática da memória sobre a "cidade alada": São José dos Campos (1947-2007)

Zuleika Stefânia Sabino Roque ¹

Resumo

O fio condutor do presente trabalho é a produção de memórias, que envolve celebrações, comemorações, atos da administração municipal como produção de uma memória que se quer preservar sobre a cidade. A necessidade de reconhecer as inter-relações complexas entre movimentos e tendências sem se prender a hipóteses generalizantes, trouxe inúmeras inquietações sobre as noções de tradições na cidade de SJC. O ponto de partida para este trabalho foi pensar a memória como ferramenta de legitimação de projetos de cidade. A partir de entrevistas de história de vida, o presente trabalho procura explicar os processos de constituição da memória a respeito da cidade. Nas narrativas orais foram identificados pontos de tensão e de aproximação com a memória hegemônica. Todos os que conhecem pessoalmente ou de ouvir falar da cidade de São José dos Campos, se não a conhecem como a “Capital do Avião”, pelo menos sabem da existência do ITA- Instituto Técnico Aeroespacial ou de seu parque industrial relacionado à aeronáutica. Essa tradição pode ser explicada classicamente pela instalação do Centro Técnico Aeroespacial, órgão do Ministério da Aeronáutica e o ITA, desses órgãos foi que surgiu a principal indústria aeronáutica brasileira, a EMBRAER, que atualmente encontra-se entre as primeiras no mercado mundial.

Palavras-Chave: Tradição, Memórias, Cidade

Abstract

In this work, the wire conducting is the production of memories that involves celebrations, commemorations, municipal administration acts how production the memory that if wants to preserve about the city. The necessity to recognize the complex Inter-relations between movements and trends without if arresting the hypotheses generalized, brought fidgets innumerable about the slight knowledge of traditions in the city of SJC. In this work the point of start was to think the memory how as tool of legitimating of the project's city. In the interviews about life's history this work looks to explain the processes how the memory is constitutions certain of the city. In the narratives verbal had been identified points of tension and approach with the memory hegemonic. All the ones that personally know or to hear to say about São Jose dos Campos's city, if they do not know it as the “Airplane Capital”, at least knows about the existence of the ITA - Aerospace Technician Institute or its related park industrial. This tradition can be explained by the installation of the Center Technician Aerospace, the Ministry of the Aeronautics' agency; and the ITA. These agencies were appeared that the main industry Brazilian aeronautical, the EMBRAER, that currently meets enters the first ones in the market's world.

Keywords: tradition, memories, city

“As histórias que estamos discutindo oferecem-nos um vislumbre de mundos possíveis e alterativos” (PORTELLI:1993,50). São muitas as formas de comunicação dos processos sociais e todas elas nos servem para pensar o sujeito na História: a imprensa, as fotografias, as narrativas, entre outros. Sob diferentes prismas, podemos refletir sobre a fala do indivíduo, à luz da realidade social: a vida cotidiana, a administração pública, a vida empresarial, a

¹ Membro do Núcleo de Estudos Culturais: Histórias, Memórias e Perspectivas do Presente. Mestre e Doutoranda em História Social pela PUC-SP sob orientação da Prof.^a Dr^a Estefânia Knotz Canguçu Fraga.

produção intelectual, etc. Quando afirmamos que memória é uma forma de poder, queremos dizer que alguns aspectos da memória são confeccionados por grupos hegemônicos e nosso desafio é o de buscar na memória dos sujeitos com os quais estamos lidando, como essa memória se relaciona com àquela instituída socialmente. As falas, as linguagens são praticadas de maneiras diferenciadas, como movimento, como prática social.² No trabalho com História Oral, os diálogos têm significados a ser apreendidos e neles existem elementos cruciais à pesquisa, pois revelam disputas entre grupos sociais, trata-se de tirar a História do campo da erudição, a descrição da vida na cidade é vazia se não levantarmos problemáticas.

A problemática da memória sobre a cidade alada: São José dos Campos, foi esse o ponto de partida. A abordagem utilizada no presente trabalho tem como chão a memória e é válido dizer que nos distanciamos da idéia de memória coletiva³, entendendo que os sujeitos não são homogêneos e em suas narrativas ambigüidades se fazem presentes o que nos chama a atenção sobre as especificidades que envolvem a história oral e seu referencial teórico. Objetivamente podemos dizer que a perspectiva da luta de classes está presente neste trabalho e o entendimento sobre como essa luta se dá cotidianamente tem sido nosso norte para entender as forças que são cooptadas, as fronteiras sociais que se estabelecem no diálogo, a realimentação de representações que forcem as forças hegemônicas⁴, etc. Os vários usos da memória, a relação de disputa constante de grupos sociais que se constroem e re-constroem.

Na inversão da temporalidade, partindo não do passado, mas do presente, historiadores são convidados a exercer sua vitalidade crítica e se distanciar cada vez mais de uma história marcada por abstrações. No campo da memória, tem-se um binômio: de um lado as hegemônicas e de outro as alternativas, lembrando que elas estão o tempo todo em movimento, em diálogo, em choque, e cultura é o campo onde identificamos esse movimento.

Além do trabalho com as fontes em suas relações sociais, políticas e ideológicas a possibilidade da produção de outras fontes é para nós uma maneira de buscar utopias, projetos

² Em *Marxismo e Literatura*, Raymond Williams enfatiza que a linguagem não é abstrata, ela é ativa e presentemente constitutiva, é relação social, nos serve para entender a realidade porque ela é mais do que objeto, é uma atividade humana sensória, é prática social, não é só um instrumento de expressão, inclui experiências.

³ Aqui estamos entendendo por memória também o significado que as pessoas dão a determinados acontecimentos ou valores, em cada diálogo estabelecido questionamentos sobre os padrões, os referenciais, o processo de (re)alimentação de versões instituídas através de uma memória pública, todos esses cuidados são tomados a fim de evitar idealismos. “Prefiro evitar o termo memória coletiva; embora estejamos trabalhando com o intuito de registrar lembranças que possam ser coletivamente compartilhadas e aproveitadas, devemos ser cautelosos ao situá-la fora do indivíduo”. (PORTELLI: 127)

⁴ Hegemonia classicamente pode ser definida como poder ou domínio político, dentro do marxismo essa definição foi ampliada para o campo das relações entre classes sociais, especialmente a partir de uma noção de classe dominante. Na obra de Gramsci, hegemonia ganha uma distinção entre domínio – expresso em formas diretamente políticas e em tempos de crise, pela ação direta ou efetiva – e hegemonia – entendida como complexa combinação de forças políticas, sociais e culturais.

no caso, de cidade, que contemplem a todos os seus moradores. Aliás, a cidade é para nós o lugar central, construída e transformada também por “gente comum”. Pensando assim, inevitavelmente, críticas à concepção de patrimônio⁵ como política instituída vêm à tona, assim como a noção de tradição é por nós problematizada. Usamos o instrumental teórico de Hobsbawm e Williams, pois ambos se distanciam da noção de tradição como algo inerte, historicizado e calcado num passado, sendo assim, a tradição é entendida como algo dinâmico, com toda dinâmica que envolve diferentes grupos sociais.

Usamos a noção de tradição inventada em sentido amplo, porém nunca indefinido e dentre elas estão tradições inventadas, as construídas e as formalmente institucionalizadas, que funcionam segundo Hobsbawm, como: conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado; aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWN: 2002,9).

E também a idéia de tradição seletiva: Uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativa no processo de definição e identificação social e cultural (...) um processo marcante, ligado a muitas continuidades práticas – famílias, lugares, instituições, língua– que são na verdade, experimentadas diretamente. É também, a qualquer momento, um processo vulnerável, já que tende, na prática, pôr de lado áreas inteiras, ou convertê-las em formas que apóiam ou pelo menos não contradizem, os elementos realmente importantes da hegemonia corrente (WILLIAMNS,118).

Que, de fato, muitas das memórias e histórias de São José dos Campos têm a ver com a “cidade que voa” não deixa de ser verdade, afinal a presença do Centro Técnico Aeroespacial, do Instituto Tecnológico Aeroespacial, da Embraer e de várias empresas desse setor permeou a vida de muita gente que nesses locais viveu, trabalhou, constituiu redes de sociabilidades, “são pedaços diferentes que formam um todo coerente depois de reunidos” (PORTELLI, 16).

Porém, cada indivíduo é uma amálgama e suas narrativas revelam inúmeras nuances, sentidos e significados que muitas vezes deixam de ser observados e discutidos como elementos concretos da história de uma cidade, que se constrói a partir da ação de inúmeros

⁵ A noção de patrimônio na qual se pretende desenvolver a pesquisa leva em conta referências afetivas e culturais, nesse sentido compreender através da narrativas orais como as políticas de patrimônio instituídas são vivenciadas pela população nos é importante para que os diferentes sentidos e significados de patrimônio apareçam no texto, constituído por múltiplas vozes. Essa discussão não será aprofundada nessa comunicação.

sujeitos; que se organizam em torno das condições materiais, de um dado momento, e, desse modo travam suas batalhas cotidianas para adquirirem aquilo que consideram importante e necessário dentro do contexto em que vivem.

É dentro dessa perspectiva que percebemos como esses interesses diferentes são elementos catalizadores de políticas públicas de patrimônio, de educação, práticas de fomento a turismo, políticas de incentivos fiscais que asseguram alianças com empresários e instituições diversas tais como a igreja e as forças armadas. Todas essas políticas apontam para projetos de cidade que se apropriam de um passado e justificam as decisões do momento presente, na tentativa de impulsionar o futuro dessa cidade. O momento de cada uma dessas decisões de grupos hegemônicos é permeado por batalhas.

Os projetos sofrem resistência, são entendidos de maneiras diferentes. Os argumentos que cada um dos grupos envolvidos utiliza para marcar o seu lugar nesse espaço denominado cidade muitas vezes passam sem ser notados. Por outro lado essa argumentação que exerce um papel incontestável dentro da memória de uma cidade vai sendo enraizada por memorialistas, periódicos, monumentos, fotografias, eventos comemorativos, materiais de uso didático, dentre outras inúmeras maneiras, na tentativa de se cristalizar uma memória e dessa forma esboçar uma determinada identidade para a cidade, esquecendo-se de que a diferença é sustentada pela exclusão (WOORDWARD: 2003,9). Esse movimento do que se inclui e, o que se exclui, está presente na argumentação que sustenta uma memória determinada sobre a cidade. Os significados produzidos pelas representações são sim responsáveis pelo sentido que muitas vezes damos à nossa experiência e àquilo que somos, por isso, todos os discursos são práticas de significação que produzem significados e envolvem relações de poder.

O desafio que se coloca perante o historiador aqui é o de passar das narrativas produzidas no diálogo com moradores da cidade para a explicação de processos sociais da cidade de São José dos Campos. Esses moradores ao nos contar o que viram e viveram nessa cidade estão explicitando os sentidos que têm para cada um deles os processos pelos quais a cidade passou. A fim de não perdermos de vista o que de fato queremos diante da riqueza de informações oriundas desse diálogo buscamos problematizar as memórias que marcam São José dos Campos como uma cidade alada.

A produção da memória de São José dos Campos passa por “fases” definidas nos vários suportes de linguagem, todos seguem numa linha cronológica e procuram dar um sentido de constante progresso. Essas argumentações são construídas e expostas em diferentes espaços e momentos da vida dos moradores da cidade. Seja nas colunas da imprensa ou nas festividades de aniversário da cidade, em monumentos erguidos, na nomeação de logradouros

e prédios públicos; na produção intelectual, em cartilhas e manuais didáticos, na lente de fotógrafos que produzem registros da administração municipal ou que criam e recriam cartões postais; todos esses elementos constituem uma gama de discursos e de imagens que passam por um processo de seleção e dão sentido tanto ao passado, como ao presente da cidade e até mesmo ao futuro que se pretende para a mesma.

Nas principais passagens destacadas pelo corpus documental desta pesquisa em andamento, identifica-se uma cidade-vila com participação periférica no ciclo cafeeiro paulista, uma cidade estância climática e hidromineral com supostas vocações para a o tratamento da tuberculose na primeira metade do século XX e de meados do século em diante, uma cidade moderna, industrial, que abraçou ferrovia, rodovias e decolou na instituição de um parque industrial voltado principalmente para a indústria aeroespacial mas também bélica e automotiva. Qual desses marcos instituídos, de fato, corresponde à realidade vivida por pessoas que diariamente acordam, estudam, trabalham, moram e sonham nessa cidade? Como esses sujeitos sociais lidam com isso, se organizam e se re-organizam constantemente diante dessas supostas vocações que a cidade tem em determinadas épocas?

Para não prender-se a idéias de identidade pré-concebidas sobre a cidade, mas sim à História social vivida pelos sujeitos que a compõe, é necessário situar seus moradores, suas vivências e localizar onde e como as imagens predominantes, a tradição seletiva, atuam na construção de uma memória pública. Pergunta-se diante disso: como essas pessoas conquistam seu lugar no social, cravam seu espaço nessa cidade, como essas forças operam e moldam ou não a vida dessa gente. Que lugar sobra para elas? Que lugar elas reivindicam, já que a cidade é uma arena, um espaço de luta por direitos.

A cidade objeto desse estudo vive uma negação de sua cultura interiorana e diante de suas vizinhas se impõe como a vanguarda. Dos bons ares para se respirar na época em que o bacilo de Koch ceifou tantas vidas, hoje esses ares são os da tecnologia marcados por arranha-céus, satélites e aviões. Essa passagem de um tipo de cidade para outra não pode ser vista com naturalidade, ao contrário temos a noção de que “os sistemas classificatórios são, construídos, sempre, em torno da diferença e das formas pelas quais as diferenças são marcadas” (WOORDWARD, 54) Que diferenças são essas? Como elas foram sendo construídas e em que medida essas estruturas classificatórias do que a cidade era/é/vai ser ordenam a vida social e ao mesmo tempo são desestabilizadas por diferentes grupos que vivem na cidade?

A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. São José dos Campos nas décadas de 60 e 70 foi vista por muitos trabalhadores que para ela migraram, como um local de oportunidades. Naquele momento, políticas articuladas nas instâncias federal, estadual e

municipal promoveram o estabelecimento de um parque industrial e tecnológico, essa “nova” identidade da cidade precisa ser entendida dentro de relações mais amplas de poder. “Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras” (SILVA: 2003,82)⁶. A título de exemplo mencionamos as comemorações do bicentenário da cidade (1967); a bandeira da cidade foi fruto de um concurso escolar, a eleição desta imagem⁷ como representativa para o município nos mostra as alianças daquele momento político em pleno “Milagre Econômico”. Portanto, a identidade e memória sanatorial da cidade já não era interessante para os grupos que estavam envolvidos nesse processo, nesse momento da história da cidade, a cidade da doença destoava do que esses grupos pretendiam para SJC.⁸

Nas entrevistas tentamos dar a dimensão histórica aos enredos e não só aos fatos. A valorização exclusiva dos fatos não nos permite avançar e lidar com a consciência prática. A produção, análise e uso das narrativas dessas pessoas que conosco colaboram para que o texto seja composto de múltiplas vozes, permite-nos identificar os sujeitos históricos independente de estarem ou não engajados a movimentos organizados. As formas como eles se engajam nas lutas cotidianas, com suas necessidades, intenções diferentes e maneiras de interpretar as disputas de poder na cidade.

As narrativas no presente trabalho procuram entender ao invés de simplesmente ou ingenuamente contestar a memória de São José como a capital do avião, compreender como e por que essa memória influencia ou não seus moradores. Concordamos como Alistair Thomson no que se refere à necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver, uma relação dialética entre memória e identidade: “as histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais” (THOMSON: 1997, 57). No caso do mecânico aposentado Armando Guedes, a cidade alada lhe deu condições materiais para que sua oficina decolasse na década de 60, no entanto as memórias de uma

⁶ Ainda a esse respeito, temos Alessandro Portelli como interlocutor “me conscientizei de que a tradição marxista a que pertenço deixou de reconhecer que as massas e as classes são constituídas de pessoas diferentes entre si. (...) No pensamento pós estruturalista recente (...) a diferença tem sido postulada como único ideal a ser atingido”, daí a necessidade de reivindicar nossas diferentes identidades. p. 18.

⁷ Segundo a explicação que consta em materiais publicados pelo município, no centro da bandeira há uma figura de uma roda dentada em ouro simbolizando a riqueza (industrial) ascendente no município. Os 13 dentes da engrenagem fazem referência ao entrosamento entre o estado e o Município. No interior a roda dentada, de forma concêntrica, um círculo azul que faz referência à Bandeira Nacional é transpassado por uma faixa sinuosa em prata que representa o Rio Paraíba do Sul. WWW.sjc.sp.gov.br

⁸ O decreto 7007 de 12 de março de 1935 que instituiu São José dos Campos como Estância Climática vai ao longo das décadas perdendo sua vitalidade. Após a abertura da Rodovia Presidente Dutra e da Instalação do CTA muitas políticas públicas deram outro rumo à cidade, como por exemplo, o projeto de lei de 04 de janeiro de 1970 que trata do fomento à instalação de indústrias no município, com isenção de impostos por uma década.

época em que a cidade de SJC não era marcada pela modernidade mas pela doença, a maneira como compomos a memória ou a construímos utiliza as linguagens e os significados conhecidos de nossa cultura. O conhecimento de Armando sobre essa época da cidade é sustentado pelas suas lembranças e por documentos da época, que ele faz questão de apresentar logo no início de nossa entrevista.ªa entrevista é conduzida de acordo com seus interesses e testemunhar as transformações no espaço urbano. Um comprovante de residência⁹ que trazia em seu cabeçalho “Estância Hidromineral e Climatérica de São José dos Campos”, foi o ponto de partida de uma conversa que revelou parte do processo de urbanização intenso vivenciado pelo casal nesta cidade onde nasceram, trabalharam e criaram seus filhos e netos. A memória de uma época em que os projetos políticos de cidade faziam da instalação de sanatórios e pensões destinados a tuberculosos uma forma de atrair recursos do governo estadual para São José, e viabilizar uma infra-estrutura para a cidade são apresentadas pelo entrevistado com empolgação:

A: Comprovante de residência, olha!

Z: Ah, Estância Climatérica

A: Esse aqui é o pai do Marcondes Pereira, olha aqui a data ó Estância Hidromineral Climatérica de São J. dos Campos, você já viu isso aí? Você nem sabia que isso existia. Antes de eu morar aqui, isso aqui chamava rua dos bambus pra cá era tudo chácara, aqui era uma chácara. Esse aí é o pai do Zé Marcondes, o irmão dele tirou cópia e colocou lá no gabinete dele, ele que é dentista, tá lá no quadro na parede.

As transformações que a cidade sofreu, a ampliação do centro, os novos contornos que a cidade ganhou bem como o estabelecimento da memória de certos personagens da cidade¹⁰, podem ser identificados a partir da fala de seu Armando que relata a época em que a cidade tinha como centro urbano cerca de três bairros, uma área específica destinada ao tratamento para a tuberculose e havia predominância de chácaras e sítios.

A: Eu nunca saí daqui. A minha vida, eu nasci lá no Uirá, só que o Uirá, o Uirá era Putim de baixo e tinha Putim de cima, onde é o cadeiaão, eu nasci no Putim de Baixo. Eu saí de lá... eu sou de 33, 36 eu fui morar no Jardim Paulista, onde está o Nicanor, ali. Ali era uma chácara. Em 38 eu vim pra aqui, o Zé Marcondes saiu e eu entrei e estou até hoje aqui, nunca mais saí daqui a Avenida era até ali no Eugênio Bonádio, pra lá não tinha, lá, pra lá abriram, o Nelson D'Ávila morreu em 53, abriram essa avenida e colocaram o nome dele.

Z: Então era só esse cantinho aqui... daqui pra direita é que era o centro?

⁹ O terreno onde Sr Armando e Dona Judite moram, já pertenceu anteriormente a um ex político da cidade (Marcondes). Nicanor, nome recorrente em sua fala, é seu amigo de infância e foi através de uma das filhas do Sr Nicanor, que é minha colega de trabalho, que cheguei até o Sr Armando.

¹⁰ José Marcondes, Sobral, Veloso, Emanuel Fernandes (ex prefeitos), Nelson Dávila, Rui Dória (médicos da fase sanatorial), Rodolfo Komorek (padre que morreu de tuberculose e que possui inúmeros devotos na cidade) são alguns dos nomes que estão presentes na imprensa e nos memorialistas e que serão explorados durante a pesquisa.

A: É isso, daqui pro centro, pra lá não tinha nada... Aqui, na escritura daqui, tá rua 24 de outubro, mas antes era bambuzal eu é que acabei com eles. Em cima, quando eu vim morar aqui era fossa só tinha água mas não tinha esgoto. Meu pai tinha carroça e tinha cavalo, ele era carroceiro

A afirmação “não tinha nada” muito tem a nos dizer e a ser explorada... Da mudança nas denominações da rua (dos Bambus, 24 de Outubro) até a sua transformação em avenida (Dr Nelson D’Ávila) envolvendo a desapropriação de inúmeros terrenos na década de 50 demonstra a transformação da cidade a partir da construção da Rodovia Presidente Dutra e do estabelecimento do CTA.

Ao ser indagado sobre o momento em que a cidade começou a perder essas características interioranas, seu Armando responde prontamente:

A: São José explodiu do Sobral pra cá. São José explodiu do Sobral pra cá... Ali na Selva de Pedra, você sabe que ali era chácara do Castilho e ali onde é a casa Bahia era a Williams, do lado de cá da esquina onde é a loja Cem era a pensão do Castilho, e a pensão e depois Hotel Castilho. Ai tinha uma chácara que era tudo o Selva de Pedra, ele plantava verdura e bananeira, e ele passava todo dia de carro pra buscar fruta pro hotel dele e ele morava ali, no banco Santander, era um posto de gasolina. Não sei se alguém já falou pra você, então quem montou aquele posto de gasolina foi Henrique Mudat, um posto de gasolina manual ele enchia aquilo lá, Henrique Mudat enriqueceu com aquilo ali, ele era borracheiro, e tinha um posto de gasolina tudo aquilo aquilo que é o Bradesco era dele ele tinha na Heitor Vila Lobo na frente da Dutra...

As transformações vividas pela cidade são narradas e apresentadas¹¹ através de álbuns de família, a história de vida de seu Armando, o como ele conheceu sua esposa e como se tornou mecânico estão alinhavadas. Para seu Armando a idéia de cidade alada é sim reforçada, mas a partir de sua profissão de mecânico, que de início teve como sua principal clientela os funcionários do CTA:

Z: Essa aqui é a praça Afonso Pena?

A: É era tudo pasto. Pasto, boi, cavalo... era cemitério, sabe que já foi cemitério, né? Contaram pra você ou não? Ali no Cine Palácio, eu trabalhava ali na Casa Bahia ali era a Williams no cine palácio fizeram escavação

Z: Quando o senhor montou a oficina?

A: Eu montei em 58. Ah comecei com lambreta, com vespa, com moto. Mas antes eu trabalhei na Chevrolet e na Williams. Eu vim da roça, com 7 anos eu passava um aperto desgraçado aí quando eu saí da escola eu passava 2 anos no 1º, 2 anos no 2º e 2 anos no 3º e 1 ano no 4º eu fiz 7 anos de primário, aí quando eu tirei diploma eu fui pra roça lá no Banhado, quando eu tava com 17 anos eu falei com meu pai isso aqui não é profissão, ele falou vai fazer o que você quiser, aí eu cheguei no cara da Chevrolet e perguntei se tem serviço. Ele disse tem de ajudante, você nem vai pra casa, se quer trabalhar é agora e segurou eu lá aí me levou num corredor cumprido, chamado gaioleiro, gaiola, eu fiquei um ano na gaiola pra aprender ferramenta, um

¹¹ Alessandro Portelli nos chama a atenção sobre como as fontes escritas são baseadas na oralidade e a oralidade moderna, por si, está saturada de escrita. “muitos informantes lêem livros e jornas, ouvem rádio e TV, escutam sermões e discursos políticos e guardam diários, cartas, recortes e álbuns de fotografia” temos de estar atentos a essas possibilidades, o resultado final da entrevista é o produto de ambos, narrador e pesquisador. (PORTELLI: 1997, 33) . No caso dessa entrevista com o casal Armando e Judite, álbuns de família, almanaque da cidade, comprovantes de residência e escritura da casa foram alguns dos documentos a apresentados espontaneamente por eles à medida em que narravam suas histórias de vida.

ano só pra aprender ferramenta, trabalhei 50, 51, e 52, 53 fui pra Lorena, eu já conhecia o irmão do Nicanor ele já servia lá eu fui servir lá, saí em 51. Eu trabalhava na Chevrolet e o patrão dela era o Mercadante lá na praça Afonso Pena, então eu fui no Mercadante e ele chamou eu pra trabalhar lá. Aí no Mercadante eu fui pra São Bento e da São Bento para a Williams, na Williams trabalhei com o Chiquinho Williams, aí tiraram a venda de lambreta, aí como eu aprendi a lambreta, montei uma oficina aqui pra mim em 58 até hoje...

Z: Dava pra contar os carros em São José?

A: Quem tinha carro era gente rico. Só gente rico

Z: E lambreta, era mais barato aí tinha mais

A: É mas mesmo assim da classe média pra cima, depois que ela caiu da classe média pra baixo. Você vai no CTA 90% dos oficiais, não os soldados, nem operário, capitão, tenente, médico, dentista tudo tinha lambreta... Tudo era freguês meu eu consertava pra todo mundo do CTA e daí eu fiquei até hoje 55, 56 é que veio a lambreta 58 a vespa 68 a Honda, Yamaha e Suzuki aí eu peguei tudo isso aí hoje eu larguei, aposentei

A professora aposentada Maria Aparecida Becker, passou sua infância no tradicional bairro de Santana, filha de operário da Tecelagem Parahyba, estudou e deu aula em inúmeras escolas de São José. A cidade alada é reforçada em sua fala, de fato a cidade do avião foi a cidade em que Dona Cida viveu, trabalhou e namorou. Como secretária do aeroclube de SJC conheceu seu marido e com ele aprendeu a pilotar. A infância de seus filhos é marcada pela presença constante de aeronaves. Ao contrário de seu Armando que nos recebe e começa a sua narrativa a partir do passado, Cida Becker inicia sua fala a partir do seu momento presente. Desde que se aposentou a viuvez vem sendo enfrentada com constantes trabalhos de cunho voluntário, também já foi representante de usuários no Conselho Municipal de Assistência Social e é tesoureira de um Grupo de Convivência para idosos, grupo que participa desde a sua fundação em 1992. A São José narrada por Dona Cida é uma cidade que possui uma boa infra-estrutura a ponto de mal precisar se locomover até o centro, do bairro onde mora pouco precisa sair por que há bancos, um forte comércio e possibilidades de reuniões entre pessoas de sua idade que organizam festas e viagens. Num movimento retrospectivo, Dona Cida começa nos explicando que nem sempre foi assim, que sua ida de Santana ao centro para cursar ginásio era difícil e que a locomoção na cidade não era fácil. Sua narrativa tem como ápice sua vivência no aeroclube, com orgulho explica que foi a primeira mulher a ter brevê em São José e que em sua viagem de lua-de-mel conduziu uma aeronave Piper até a cidade mineira de Poços de Caldas:

C: então, eu fiz curso de piloto também. Foi aqui mesmo em São José onde é o campo de aviação civil né? Meu marido foi um dos fundadores do aeroclube e também presidente durante 17 anos. Um monte de mandatos. Eu morava na cerâmica, na cerâmica Becker, então ela era naquele fundo, ali atrás do CTA, então o avião levantava para fazer a volta, e fazia bem em cima da casa, então eu tinha criança pequena, a minha filha dizia: “já tem um vindo aí já” (ela achava que era só um), “aí, eu quero dormir e não posso”... O barulho dos aviões em cima, meu marido era fã de aviação, eles tiveram planadores lá na oficina de casa né?

O CTA é mencionado por muitos de nossos entrevistados. Entender as alianças políticas que permitiram a sua instalação na cidade e os impactos econômicos que isso teve é sim importante, mas utilizar a História Oral nos motiva porque as entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos, essas recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. O mesmo CTA é referenciado pela Dona Amélia, hoje aposentada. De lavadeira em pensões (destinadas aos tuberculosos) passou a doméstica dentro do CTA; podemos dizer que foi esse o espaço que sobrou dentro dessa estrutura, não que seja menos importante, mas que não possui visibilidade na memória pública, mas acaba a serviço desta, uma vez que o sentido que essa instituição tem na narrativa de Dona Amélia justifica-se pela aquisição da casa que ela tem e que pode dividir com os filhos e netos.

Para Dona Amélia o fato de não ter estudado é um dos motivos principais de não ter alcançado mais coisas. Sua vivência na escola foi marcada por muitas interrupções, o trabalho na colheita e momentos em que morava com a tia no centro da cidade, eis os motivos pelos quais Dona Amélia não pôde estudar e as consequências disso no seu tempo presente são em vários momentos retomadas. Ela teve 14 filhos e lamenta o fato deles também não terem escolaridade. E mais uma vez o CTA aparece em sua narrativa como um local de trabalho e de possibilidades...

A: Era muito bacana viu, é uma pena que eu fiquei muito pouco. Eu sinto muito de não poder ter estudado pelo menos mais um pouco, porque eu mal assino meu nome, mal assino meu nome, mas eu tenho muita vontade, quando eu era mais nova tinha muita vontade de aprende né? Porque é muito ruim a gente não saber ler menina! É muito ruim. (...)Mas eu queria muito que meus filhos estudassem, a única filha minha que estudou, mais um pouquinho, tem mais um pouquinho de estudo, é a minha caçula. Ela trabalhou no CTA, trabalhava no escritório, e já teve mais um grauzinho de estudo né? Mas os outros...

Sua infância na zona rural de São José, ao contrário do que muitos dizem sobre o bairro de Santana ser um centro comercial praticamente independente do centro da cidade. As poucas vidas ao centro estão relacionadas principalmente a escassez de recursos financeiros. Suas lembranças da cidade, remetem à uma São José pequenina que aos domingos ganhava uma dinâmica diferente em torno da matriz e do mercado municipal.

A: Ali eu morei bastante tempo, mas assim no centro da cidade eu só vinha pra passear, fazer compra

Z: Mas Santana, já tinha muita coisa lá

A: Num tinha muito não. Santana era morta, morta, morta. Nossa há quantos anos atrás. Eu to com 84 eu tinha mais ou menos 10 pra 12 anos, veja quanto tempo faz. São José não tinha nada, os postes da rua, era aqueles postes de fio de trem. Os postes da rua com aquela como é que se fala?

Z: lamparina? Lampião?

A: Lampião, fraquinho, fraquinho.

Z: Hoje não se reconhece mais nada daquele tempo

A: Hoje não, de jeito nenhum.

Z: Só a Igreja de São Benedito?

A: A Igreja de São Benedito e a Matriz de São José. Mas SJ era morto, era só mato, se vê ali, naquela praça que tem ali, as árvores que têm ali, são centenárias né?

Aquela árvore que tem ali naquela praça

A mudança de Dona Amélia para a área urbana da cidade se deu após seu casamento. A cidade já estava naquele momento estava concomitantemente envolvida em dois projetos: o sanatorial e as bases da cidade alada estavam se sedimentando, o terreno para o Ministério da Aeronáutica já havia sido cedido pela municipalidade e as obras estavam em andamento. Nos textos oficiais sobre a história da cidade de SJ essa mudança para uma cidade marcada por tecnologia é muito forte e a atuação de meia dúzia de milhares e de engenheiros não revela o como vários trabalhadores foram buscando espaço dentro desse projeto, procurando melhores condições de trabalho. A explicação desses processos sociais não óbvios fica mais rica a partir da concretude social revelada a partir das entrevistas, que dão luz aos atalhos, negociações, conflitos, alianças, solidariedade, enfim as experiências sociais.

A: Isso, você não lembra, daquela pensão São João, aqui na subida, onde tem a igreja universal agora?

Z: depois do viaduto aqui, a gente sobre e vira à direita...

A: Isso, do lado direito. Você lembra de uma pensão que tinha ali.

Z: Eu lembro de um prédio, um casarão, mas não sei se é esse não.

A: é um prédio grande assim, não era de andar, era só o primeiro. Ali tinha uma pensão muito grande, a pensão São João, o pessoal ia, todo mundo com tuberculose. Até eu ia, eu era casada de novo nessa época, eu lavava a roupa dos doentes de lá, eu lavava muita roupa dos tuberculosos que vinham pra cá. Essa minha filha mais velha, que mora aí na frente, era menina assim, então ela ia comigo, levar e buscar roupa pra eu lavar. Aqueles doentes que já tava bem são, dava maçã pra ela, aquela vasilhada de maçã, eles pegavam e davam maçã pra ela, porque eu era muito pobre quando eu comecei a minha vida aqui, eu era muito pobre mesmo, pobre, pobre de marre, aí, ela ia descalça, aí aqueles senhores de mais idade falava pra mim:

- olha dona, não deixa a sua filha vir descalça aqui, porque é perigoso.

Porque tem muita gente que fala que tem doença que a gente pega pelo pé né, pela sola do pé.

- então não deixa ela vir descalça!

Aí eu comprava assim um chinelinho pra ela, quando ela ia comigo ela ia de chinelinho. E ela gostava do pessoal de lá porque eles eram tudo muito bom. Umas pessoas boas que só vendo. Eu lavava muita roupa daqueles doentes ali. Eu tinha uma lata grande assim, antigamente existia, agora, nunca mais eu vi. Uma lata redonda assim de folha, alta assim. Era eu e uma comadre minha. Nós punha dois fogão juntinho um do outro assim no chão, a gente fazia com tijolo, então a gente punha aquelas latas assim, e quando a água tava fervendo, você soltava tudo aquela água assim, pra poder depois ir pro tanque, pra daí a gente por a mão pra lavar, era um sofrimento menina.

Z: E tinha que fazer isso...

A: Tinha que fazer, pra ganhar um dinheirinho né. Meu marido trabalhava no CTA, mas o CTA tava começando né. Pagava muito pouco, nossa não dava pra nada, eu tinha 2 crianças, não dava pra nada.

Z: E, quando o CTA chegou, muita gente começou a trabalhar lá?

A: Aí movimentou demais, nossa movimentou demais mesmo.

Z: Como que as pessoas faziam para ir trabalhar lá?

A: Normal, depois que foi mudando né, aí já precisava de não sei que lá, não sei que mais lá, pra poder entrar né, mas no começo, era assim, aberto. No começo daqueles prédios era assim, ia lá, tinha vaga... logo começava a trabalhar.

O CTA é aqui rememorado como lugar de trabalho, mas também de possibilidade de tratamento de saúde adequado, já que seu hospital era referência. Uma cidade marcada por contrastes, enquanto se propunha a tratar de tuberculosos oferecendo sanatórios, mobilizando pensões e comércio principalmente farmácias para os doentes; muitos de seus moradores não se sentiam assistidos por essa infra-estrutura. O CTA funcionando como uma cidade dentro da cidade, onde se tinha como diz Dona Amélia fartura.

Z: E as pensões foram acabando? Nessa época?

A: Ah não, continuou, num tem muito tempo, deixa eu ver, tem uns 30 anos ou mais que acabou essas pensão que tinha aqui, e aí virou coisa de carro e aquela igreja que tem ali, aí foi espalhando, foi indo pro Vicentina Aranha, outro tanto pra Campos do Jordão, aí acabou... mas o CTA quando chegou movimentou demais SJ, nossa era gente que vinha de fora de tudo quanto é lado. Quando ele fez mesmo, que ficou esses prédios que tem lá, veio muita gente, nossa, aqueles militares, muita gente... Mas quando abriu ali o ITA, aquilo fervia de gente, aqueles alunos de fora, aí foi crescendo, aí foi abrindo posto médico, aquelas coisas maior né, ah, foi uma loucura e era muito bom, as pessoas que trabalhavam lá, os operários eram muito bem tratado. Tinha rancho pra come, o H 13 que falava, não pagava nada, tinha posto médico, muito bem tratado, eu mesmo fiquei internada várias vezes nesse posto, quando era pra cá, agora é pra lá, agora é hospital que tem lá, nem é centro médico mais, era muito bem cuidado, muita fartura, enfermeiro...

Atrás da área reservada ao Ministério da Aeronáutica o mesmo bairro do Putim, que apareceu na narrativa de Sr Armando Guedes, é onde reside o casal Vicentina e Carmelino. Para eles a vinda para São José dos Campos na década de 70 justificou-se pelas oportunidades de emprego. Ficamos nos perguntando que oportunidades são essas, após quase quarenta anos morando na cidade, seu Carmelino, aposentado, com seus quase 80 anos é carroceiro e coletor de materiais recicláveis na cidade... Não é a indústria nem a aeronáutica, nem a bélica, nem a automotiva que absorve os trabalhadores desta família e sim o trabalho rural, as granjas e hoje a prestação de serviços que possibilita com que eles permaneçam na cidade de SJC.

V: Veio mora pra cá porque o fio tava pra cá e eu tinha aquele montão de fio, tive aquele monto de fio. Cê sabe eu vim embora pra cá por causa dos fio. Tava bom, mas eu sozinha com os fios sofri muito. Teve dias eu vou contar pro ce a pura verdade porque eu gosto das coisas, pode acreditar que não sou mulher de menti, eu passei minha vida lidando com esteira, cortando taboa, não sei se você conhece o que é taboa? Taboa agora ninguém deixa cortar mais... Não tinha serviço. Não dava certo, eles (os filhos) saíram de lá até deixaram um dinheirinho sem receber nem quiseram voltar lá. Sabe aquele japonês que tomate?

□: Lá tinha bastante japonês que plantava feijão, tomate, cada tomatão, batatinha, trabaíamo lá... depois viemo embora pra cá, saímo e perdeu o dinheiro, cabou o japonês

Z: E aqui tinha plantação? Quando vocês vieram tinha plantação de alguma coisa?

V: Não tinha nada, nenhuma fabricazinha a única coisa que teve aqui que valeu foi a Granja Itamby, conheceu a Granja Itamby? Ali minha fiarada trabaio bastante ali tempo atrás, beleza de firma, cabou tudo. Se sabe o que tá ali agora, tá tudo penhorado, perderam tudo pro ce vê, firma grande assim tem muita gente boa mas tem muita gente a toa também né. Foram catando dinheiro do homem que é um tal de Frias que é de não sei aonde que o homem ficou devendo até o cabelo. Cabou a firma, cabou tudo, eu posso contar porque eu mesmo não trabaiei, mas os fios meus trabaíram tudo ali, Margarida, mulher do Roberto, trabaio muita gente lá, numa milhar de camarada, ce tinha que vê que bonito q era cabou tudo. Era grande a granja e ganhou dinheiro toda vida. Quando era dia de pagamento enchia a estrada ali, hoje não tem mais nada

A cidade é marcada claramente por fronteiras, grades que delimitam o que pertence a quem. Na figura abaixo, podemos perceber o quanto ela foi desenhada em torno de projetos e concessões. Na área periférica da cidade, a situação era (é) outra; pessoas de cidades vizinhas eram (continuam sendo) atraídas pelas possibilidades de trabalho, outros moradores antigos da cidade, continuavam (e continuam) se identificando pouquíssimo com essa cidade alada que decola vertiginosamente.

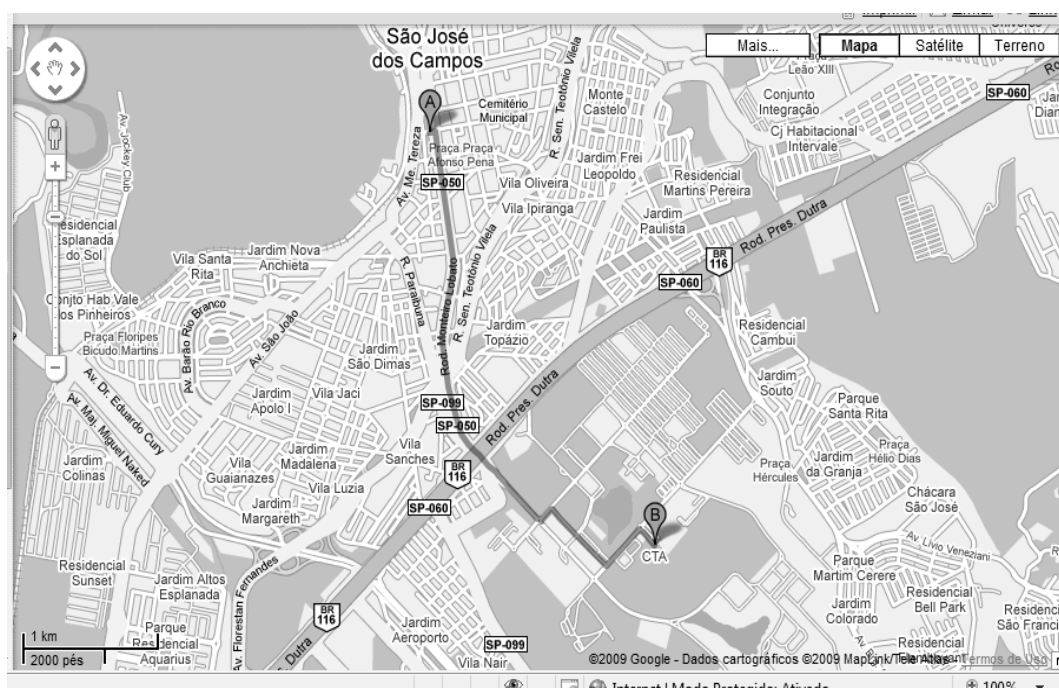


Fig. 1: Trajeto Praça Afonso Pena – CTA (Av Dr Nelson D'Ávila)¹²

É interessante pensar também na noção de centro da cidade, que cidade é essa, o que está fora de seu “plano piloto” e perceber que na área periférica ou não essa memória de uma

¹² A título de ilustração a figura abaixo demonstra o trajeto do CTA à Praça Afonso Pena (centro), nota-se que a abertura desta avenida, representou na prática uma linha reta do Centro Tecnológico ao centro da cidade. Áreas maior cinza na parte superior do mapa, corresponde ao banhado – área de proteção ambiental. Na parte inferior a área à esquerda corresponde às instalações da Refinaria Henrique Lage (Petrobrás) e à direita uma parte da área pertencente ao Ministério da Aeronáutica (CTA).

cidade moderna, tecnológica, requer discussões. O papel da exposição pública é generalizar o significado. Ao visitante da cidade de São José dos Campos, hoje, um material elaborado pela Comissão de Turismo, apresenta um mapa da cidade e informações selecionadas que apresentam a tradição da cidade com os seguintes dizeres:

Bem vindo! Você está em São José dos Campos, pólo tecnológico do Vale do Paraíba, que ocupa localização estratégica entre as duas mais importantes cidades do país: São Paulo e Rio de Janeiro. Por aqui passam as principais rodovias, estão instaladas as maiores indústrias do Brasil e está próximo da montanha, do mar e da capital paulista. Concentramos as sedes mais importantes de Pesquisas Científicas e unidades escolares abrangendo da pré-escola a pós-graduação. Destacam-se o CTA-Comando Geral de Tecnologia Aeroespacial, ITA- Instituto Tecnológico de Aeronáutica e o INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Apesar do grade avanço tecnológico e industrial, a cidade preserva algumas características interioranas, SJ é uma cidade que se orgulha da natureza: 63% da extensão territorial são consideradas Áreas de Proteção Ambiental -APA. A qualidade de vida em São José é indiscutível. Contamos com todas as facilidades de um centro regional, o que faz da cidade um dos melhores para se viver e visitar!¹³

Pelas narrativas dos entrevistados nos é possível fazer um mapeamento a cidade através dos sujeitos sociais, o ir e vir amplia a noção de território, contradiz leis de zoneamento e nos aponta para as pendências que a cidade precisa resolver atualmente e que em outras épocas também excluiu pessoas. O pólo tecnológico e industrial está presente nos 47 % do território urbano de São José, a população de São José na área rural é de apenas 1% do seu total de 609.229 mil habitantes. A pesquisa ainda em andamento parte da memória que ressoa na cidade de São José, uma cidade alada, a capital do avião, como se construiu e se reconstrói essa representação de cidade, não somente a partir de materiais institucionais e autorizados. Pretende-se escrever outras histórias memórias de São José dos Campos “tratar mais da experiência do que da ação, tendo como preferência os documentos humanos” (FENELON: 1993,83).

Referências:

FENELON, Déa. Ribeiro. Cultura e História Social Historiografia e Pesquisa. Projeto História Revista do Programa de Estudos Pós Graduados do Departamento de História da PUC/SP. Educ, n. 10 dezembro de 1993, p. 83.

HOBBSAWM, Eric (org.) A invenção das tradições. SP: Paz e Terra, 1997. 3.^a edição, 2002.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos Ucrônicos. Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. In: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós Graduados em História do Departamento de História da PUC/SP. Educ, n.10 dez/1993, p.50

PORTELLI, Alessandro. Tentado aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral., p. 16 “a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais: pessoas e

¹³ Mapa e Guia da cidade de 2008 elaborado pelo Conselho de Turismo e Prefeitura Municipal de SJ.

não grupos se lembram” PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e FIGUEIREDO, Janaína P. Amado Baptista (orgs). Usos e Abusos da História Oral. RJ: FGV, 8.^a edição. p.127

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. In: Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós Graduatedos do Departamento de História da PUC/SP. Educ, n 14 fevereiro de 1997. Cultura e representação, p. 33

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. RJ:Petrópolis, 2002.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In: Projeto História Revista do Programa de Estudos Pós Graduatedos em História do Departamento de História da PUC/SP: Educ, n.15 abril de 1997, Ética e História Oral, p. 57.

WILLIAMS, R. Marxismo e Literatura. Zahar, 1979

WOORDWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Identidade e Diferença A perspectiva dos Estudos Culturais. RJ Petrópolis, Vozes. 2.^a Edição, p. 9.